

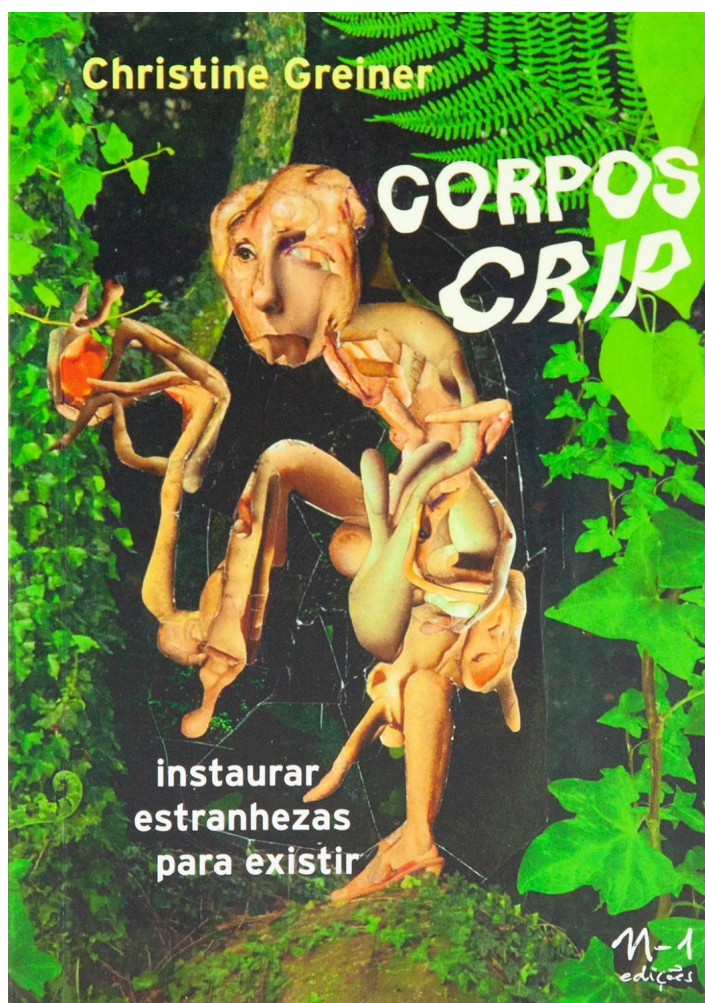


RESENHA



A cripistemologia enquanto movimento político insurgente e potente

Viegas Fernandes da Costa, *Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Santa Catarina – IF-SC.*





A cripistemologia enquanto movimento político insurgente e potente

Greiner, Christine. **Corpos crip**: instaurar estranhezas para existir. São Paulo: n-1 edições, 2023.

Na introdução da sua coletânea de crônicas intitulada *Um apartamento em Urano*, Paul B. Preciado constata que os processos de reprodução da vida estão no centro da revolução industrial contemporânea. Escreve que “o corpo e a sexualidade ocupam, na atual mutação industrial, o lugar que a fábrica ocupou no século XIX”; entretanto, afirma ainda o autor, “*existe uma revolução dos subalternos e dos apátridas em marcha*” (Preciado, 2020, p. 39). A esta marcha revolucionária opõe-se outra, contrarrevolucionária, que luta pelo controle dos processos de reprodução da vida. Os subalternos e apátridas são as formas de vida infra-humana no contexto de uma lógica biopolítica.

Se começo esta resenha tangenciando, recorrendo à reflexão de Preciado, é justamente porque ao iniciar a leitura de *Corpos Crip: instaurar estranhezas para existir*, o texto escrito por Paul B. Preciado pareceu servir como uma chave para lermos o livro de Christine Greiner. Preciado, ele mesmo, podendo ser compreendido como uma existência crip. *Um apartamento em Urano*, por exemplo, reúne as crônicas que ele escreveu entre 2010 e 2018, período no qual refletia sobre e vivia a sua “travessia” da Beatriz para o Paul sem, entretanto, definir sua existência nos limites de uma taxonomia. Preciado permitiu que seu corpo se transformasse, que assumisse sua “estranheza”, que transitasse da Beatriz ao Paul – mantendo, entretanto, a Beatriz no “B” da assinatura dessa coletânea de crônicas que, se tratadas individualmente, são atravessadas por diferentes autorias. Uma “complexidade inacabada”, que é como Greiner compreende o corpo¹. Um corpo que transita, sim, geograficamente e cronologicamente, mas também entre identidades – e como nominar com precisão a ação deste corpo nômade quando não há antônimos para o verbo “situar”, como bem lembra a autora? São esses corpos que não cabem, que sabem que não cabem e que fazem desse não-caber potência para existir e conhecer o mundo a partir da

¹ A autora resgata nesse livro o conceito de corpomídia que desenvolveu com Helena Katz para falar do corpo enquanto algo que está em movimento, que não se restringe à fronteira da pele e é atravessado por ideias e acontecimentos.



experiência da dor, a questão central da cripistemologia, conceito cuja genealogia Christine Greiner discute nesse livro breve, porém denso.

Corpos crip: instaurar estranhezas para existir está dividido em seis partes que podem ser compreendidas como pequenos capítulos. Na primeira parte, intitulada *Dançando com fantasmas*, a autora trata rapidamente do seu estranhamento quando se deparou pela primeira vez com a palavra cripistemologia (termo cunhado por Lisa Duggan em 2010). Foi a partir desse estranhamento que a autora passou a reunir bibliografias de variados gêneros sobre o tema. Bibliografias que Greiner apresenta e discute em *Corpos Crip*. Uma teia bibliográfica rondada por “espectros abissais”, para usar a expressão da autora, que é Jornalista, Doutora em Comunicação e Semiótica e Professora Livre-Docente em Comunicação e Artes pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, onde coordena o Centro de Estudos Orientais e leciona no Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica. Cabe apontar aqui a experiência da autora com as linguagens da dança e da performance, que provavelmente contribuiu para a curadoria bastante original das referências do campo da cripistemologia apresentadas nesse seu livro.

É importante ressaltar que a bibliografia apresentada por Greiner nesse trabalho é variada e discutida de modo não hierarquizado. Assim, textos acadêmicos conceituais estão no mesmo plano de textos ficcionais e de memórias, de performances de dança ou teatro, de obras de artes plásticas e outras formas discursivas que foram enunciadas a partir de diferentes territórios e epistemologias. Todos serão compreendidos, como “instâncias epistemológicas”², bem como o corpo crip (estranho, arrepiante, assustador), a partir do qual a cripistemologia se enuncia.

Greiner compreende a cripistemologia como um movimento político insurgente e potente. Em síntese, a cripistemologia é uma epistemologia que se produz a partir de estados aterrorizantes de dor e de sofrimento que têm potência criativa (estados que são outros e novos modos de vida/existência). Considerando que conhecemos a partir das singularidades e dos modos de existência dos nossos corpos, a gênese da cripistemologia não está na rejeição ou na normalização da dor, mas no corpo crip se reinventando a partir das experiências de desconforto e dor. Assim, “as teorias crip não são um tipo específico de teoria (...), são um modo de produzir conhecimento a partir das leituras que o corpo

² Busco o conceito de instância epistemológica em Cristina Scheibe Wolff (2021), que defende o emocional enquanto instância epistemológica porque conhecemos também a partir daquilo que/como sentimos.



faz de si próprio, dos ambientes e de possíveis compartilhamentos” (Greiner, 2023, p. 24).

Na segunda parte do livro, intitulada *O poder tóxico das metáforas e a guerra de pronomes*, a autora discute, a partir dos estudos de Edward Said sobre a invenção do Oriente pelo Ocidente, o papel do colonialismo na eliminação de singularidades culturais para criar identidades substitutas a partir de posições hegemônicas e autoritárias. Na sequência, apropria-se do referencial teórico desenvolvido por autores como Achille Mbembe e Homi Bhabha (a compreensão de como o colonizado mimetiza o colonizador) para discutir os discursos de inclusão identitária (problematizados também por Preciado no livro citado no início desta resenha), que costumam reiterar a estigmatização de corpos (negros, trans, deficientes, indígenas, etc) para voltar a excluí-los. A questão levantada pela autora é a de como embaralhar as peças do quebra-cabeça de práticas discursivas para evitar a replicação como mera inversão das relações de poder. Como esboço de resposta, e em tom de manifesto, Greiner afirma a necessidade de “fortalecer a insurreição das multiplicidades”, e argumenta que os estudos crip propõem esgarçar epistemologias e desafiar categorias dadas.

Greiner apresenta também um interessante estado da arte da cripistemologia, discutindo como acontece a operação que instaura diferentes modos de existir a partir de corpos e circunstâncias fora dos padrões normatizados e normalizados, e que não se reconhecem nos binarismos identitários e nas possibilidades de sucesso neoliberal. Em outras palavras, a autora se posiciona no campo crítico, mostrando que a cripistemologia é epistemologia situada e que confronta a ordem neoliberal estruturada a partir do patriarcado, do binarismo, do utilitarismo e da necropolítica. Christine Greiner considera como fundamental para a discussão crip a ideia de que é preciso instaurar um modo de existência para se existir de fato, para se existir fora dos padrões e com suas próprias singularidades.

Na terceira parte da obra, *Do queer ao crip*, a autora propõe uma discussão genealógica do conceito de cripistemologia, cuja proposição teórica inicial é atribuída a Robert McRuer e deriva das culturas Queer. O trabalho de McRuer serve de referência inicial para Greiner mapear trabalhos que constituem o campo das teorias crip, como os de Cherríe Moraga, Gloria Anzaldúa, Eve Sedwick (cuja “epistemologia do armário” se aplica de modo geral às singularidades corporais que levam pessoas não enquadradas nas normatividades sobre o corpo a ter que se esconder) e Lisa Duggan, já citada aqui.



A autora também analisa detalhadamente um debate organizado por McRuen e Merry Lisa Johnson em 2014, no qual foram discutidos trabalhos de pessoas crip como Paul Hunt e Josephine Miles, cuja experiência da segregação social e os estados de dor constante produziram conhecimentos e modos singulares de existir no mundo. E aqui peço licença para refletir a respeito de algumas questões a partir do lugar de onde falo, como uma pessoa com deficiência, uma pessoa crip, embora o universo crip não esteja restrito ao das pessoas com deficiência. Quero, a partir deste lugar, de um leitor situado, dialogar com Greiner considerando uma pergunta de partida: como assumir uma identidade positiva de pessoa com deficiência?

A autora argumenta, partindo das proposições de Jack Halberstam,

“que a cripistemologia começa e termina com alguém reconhecendo como sua habilidade é limitada e como o corpo vulnerável garante apenas um acesso temporário e instável ao conhecimento, seja para falar, lembrar ou conectar” (p. 36).

Deste lugar de onde falo entendo que a identidade da pessoa com deficiência se organiza a partir de uma não-identidade, de um lugar onde não se deseja estar e, ao se estar, corre-se o risco de cair nas armadilhas daquilo que a própria palavra ‘deficiência’ enuncia. Greiner afirma que a cripistemologia faz emergir uma política de fracasso deliberado que impõe como ação a recusa de habitar os parâmetros neoliberais. Porque não se trata de assumir, nesta não-identidade, o discurso perverso da superação, de um “orgulho PCD” por exemplo, ou de levar no pescoço uma medalha como se se tratasse de atleta submetido à exaustiva prova de competir no mundo e consigo próprio por essa superação. Por outro lado, trabalhos como os de Mary Temple Grandin e Emma Kivisild, citados por Greiner, mostram que o estar no mundo singular de um corpo crip, que constitui nesse corpo uma percepção da realidade também singular, pode produzir potências criativas. Neste sentido caminham ainda os trabalhos de Jasbir Puar, Kiguro Macharia, Jota Mombaça, Anna Mollow, Elinor Cleghorn, bem como o do ativista Felipe Henrique Monteiro Oliveira, que utiliza o termo “corpos diferenciados” para apontar a ideia da diferença em detrimento à deficiência, e o de Sofia Karam, que afirma a doença como modo de vida, não como modo de morte. Não se trata aqui, por suposto, de responder à questão provocada, mas de reconhecer que a cripistemologia contribui significativamente para a positivação, também, da identidade das



peessoas com deficiência, sem, entretanto, sublimar a experiência da dor, da segregação e da invisibilização.

Outro aspecto discutido pela autora é a necessidade de se curricularizar a pluralidade de conhecimentos ao longo da experiência escolar, e neste sentido ela defende uma “cripistemologia curricular” a ser trabalhada a partir de uma perspectiva decolonial desde o início da escolarização. Greiner, ao realizar uma busca nos portais acadêmicos por pesquisas que se apropriam do vocabulário crip, constatou que estas ainda são em pequeno número, mas que no campo das expressões artísticas há diversas experiências interessantes acontecendo, especialmente nas propostas de performances que ativam as insurgências dos corpos intratáveis. Experiências que não se pretendem como terapias, mas que exploram a dor, o risco, a falta e a estranheza como potências criativas. Ao evocar as experiências artísticas, Greiner provoca pesquisadores acadêmicos a reconhecer esses corpos que se afirmam na acintosa existência do “monstruoso”.

Na quarta parte, *Cosmopolítica, sobre o tempo dos idiotas e os corpos sem nome*, a autora desdobra a discussão anterior, tomando como ponto de partida o entendimento de cosmopolítica defendido por Isabelle Stengers (2018)³, que recupera a metáfora do idiota presente nas obras de Fiódor Dostoiévski e Jacques Derrida enquanto aquele que desacelera o outro, e de cosmos não como o lugar da convergência dos conhecimentos estabelecidos, mas enquanto desconhecido e existência de mundos múltiplos. Neste sentido, para Greiner, os corpos crip são aqueles “*que sussurram nas opacidades aquilo que não está evidente, não é reconhecível nem categorizável*” (Greiner, 2023, p. 57). É nessa condição que emergem novos movimentos e conhecimentos. A autora exemplifica a potência do corpo crip no contexto cosmopolítico citando trabalhos de Mel Y Chen e Eliane Brum que mostram como a intoxicação por mercúrio altera os corpos e suas percepções de mundo. Chen, especificamente, explora a própria contaminação do corpo pelo mercúrio para propor conceitos como “escala cognitiva” e “zonas de vida”, e também para pensar realidades não binárias onde a interação entre

³ Isabelle Stengers esclarece que utiliza a palavra cosmopolítica à revelia do uso dado a ela por Immanuel Kant, que acreditava no estabelecimento de uma paz perpétua através de uma cidadania mundial. Na concepção de Stengers, a cosmopolítica “*apenas adquire sentido nas situações concretas, lá onde trabalham os praticantes; e ela requer praticantes que – e isso é um problema político, não cosmopolítico – aprenderam a ser indiferentes às pretensões dos teóricos generalizantes*” (Stengers, 2018, p. 443). No sentido atribuído por Stengers, não se trata, portanto, de uma política para produzir o cosmos, mas ao contrário, “*trata-se justamente de desacelerar a construção desse mundo comum, de criar um espaço de hesitação a respeito daquilo que fazemos quando dizemos ‘bom’*” (Idem, p. 446).



humanos, seres vivos não humanos e outros seres interagem para produzir outras formas de conhecimento e existência a partir da condição de dor. Um debate que dialoga com o trabalho de Donna Haraway, também referenciada em diversos momentos do livro.

Em *Singularidades anárquicas para fabular a dor*, Greiner utiliza sua ampla experiência nos estudos de dança e de performance, para olhar especialmente para as discursividades de corpos crip nas artes plásticas e na dança e discutir a ideia de despossessão como compartilhamento da dor para produzir empatia, deslocamento de si; e de fabulação⁴ como presentificação do passado não para aliviar dores, mas para através delas reinventar narrativas que se relacionam com a potência do falso, do ainda não reconhecível, do espectral.

No caso dos corpos feridos, dos corpos marcados pela dor, a fabulação como encontro com aquilo que é a gênese do sofrimento é o que faz do corpo crip potencialmente criador, tensionando corpos-mundos que não deveriam existir para um “*querer viver e não deixar morrer*”. E é este o mote para a parte final, “*A erosão esculpindo novos mundos*”, na qual a autora olha para a cripistemologia como fabulação, e acredita que a metáfora possível para pensar um mundo outro deste que hoje se apresenta é o da erosão. Uma erosão da qual participam os corpos crip com seus modos de existir singulares e já presentes antes mesmo da invenção da palavra crip para se referir às existências que escapam, inclusive, das teorias que buscam torná-las inteligíveis.

Ainda que se trate de um trabalho “rápido”, quase um esboço, no qual muitos conceitos necessitam ser melhor discutidos, aprofundados e problematizados, a principal contribuição de Christine Greiner em seu livro *Corpos crip: instaurar estranhezas para existir* está em apresentar um ousado e peculiar estado da arte da cripistemologia cujo conceito é muito recente. Ousado e peculiar principalmente porque revela o próprio processo de encontros e diálogos da autora com o universo dos corpos crip e das teorias que buscam compreendê-los, e também por reunir no campo da cripistemologia autores e gêneros discursivos tão diversos quanto o são os próprios corpos crip, construído, assim, uma cartografia do pensamento crip especialmente no Sul global, já que a autora

⁴ As referências de Greiner para discutir a fabulação como forma de explicitar histórias invisíveis estão nos trabalhos de Tavia Nyong'o, Sardiya Hartman e Donna Haraway. De Haraway, especificamente, o conceito de ciborgue enquanto “*exercício não binário de natureza cultura em ação*” (Greiner, 2023, p. 76).



apresenta muitas referências sobre o tema no Brasil, em países africanos, asiáticos e até mesmo das margens do Norte global.

Esta postura teórica e metodológica de Greiner é coerente com os estudos decoloniais, na medida em que, ao borrar as fronteiras entre teoria e experiência, filosofia e literatura, ciência e arte, colocando em diálogo horizontal gêneros discursivos historicamente hierarquizados, a autora produz também uma “estranheza epistemológica”. Considerando que a existência das pessoas crip no campo acadêmico ainda é muito restrito, ao apresentar os discursos enunciados por artistas de diferentes linguagens e ativistas não apenas como “objetos de ciência”, mas como pessoas que produzem epistemologias a partir dos seus modos de existência singulares, Christine Greiner esgarça as possibilidades epistemológicas e contribui com a democratização e qualificação desse debate.

Ao cartografar a cripistemologia, Greiner assume também papel no processo de erosão do modo de produção capitalista, porque como ela mesmo escreve,

se o confronto macropolítico e a ‘superação’ capitalista para um pós-capitalismo parecem cada vez mais distantes e improváveis, talvez a erosão faça mais sentido, neste momento, do que a escavação de brechas e entre lugares (Greiner, 2023, p. 83).

O livro se constitui, portanto, como importante obra de entrada, principalmente para pesquisadores brasileiros interessados na cripistemologia e que buscam também referências locais para compreender os modos de existir e de enunciar das pessoas crip. Enunciações e modos de existir que participam da revolução dos subalternos e apátridas à qual alude Paul B. Preciado, citado no início desta resenha.

Referências.

Greiner, Christine. **Corpos crip:** instaurar estranhezas para existir. São Paulo: n-1 edições, 2023.

Preciado, Paul B. **Um apartamento em Urano:** crônicas da travessia. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

Stengers, Isabelle. A proposição cosmopolítica. Tradução de Raquel Camargo e Stelio Marras. **Revista de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 69, p. 442-464, abr. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.voi69p442-464>



Wolff, Cristina Scheibe. Gênero, emoções e afetos na política. In. **Wolff, Cristina Scheibe (org.). Políticas da emoção e do gênero no Cone Sul.** Curitiba: Brasil Publishing, 2021, pp. 229-242.

Viegas FERNANDES DA COSTA.

Professor no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IF-SC). Graduado em História, Especialista em Estudos Literários e Mestre em Desenvolvimento Regional pela Universidade Regional de Blumenau (FURB), e Doutorando no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Recebido em: 28/10/2024

Aprovado em: 03/11/2024